A IMPORTÂNCIA DO LIMITE E A RECONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

ELIZABETE CAMPOS LEOPOLDINO

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância do estabelecimento de limites no desenvolvimento infantil e a necessidade da reconstrução da relação entre família e escola no contexto educacional contemporâneo. A ausência de limites claros tem provocado desequilíbrios emocionais, comportamentais e sociais nas crianças, afetando diretamente sua aprendizagem e convivência. Além disso, a fragilidade da parceria entre família e escola tem dificultado a atuação conjunta no processo educativo. Por meio de revisão bibliográfica e análise crítica, discute-se o papel fundamental dos adultos como referências na formação de valores, bem como a urgência em se promover uma relação de corresponsabilidade, diálogo e cooperação entre os principais agentes formadores da criança. A reconstrução desse vínculo é apontada como caminho essencial para garantir o desenvolvimento integral do educando e a qualidade das práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: DESENVOLVIMENTO INFANTIL; LIMITES; FAMÍLIA E ESCOLA; PARCERIA EDUCATIVA; EDUCAÇÃO.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, observa-se uma crescente preocupação com o comportamento infantil e com os desafios enfrentados pelas instituições escolares na formação dos alunos. Nesse contexto, torna-se fundamental discutir a importância da imposição de limites e a necessária reconstrução da relação entre família e escola.

O limite é um instrumento essencial para o desenvolvimento saudável da criança. Ele ajuda na construção da autonomia, do respeito ao próximo e da responsabilidade. Quando bem estabelecido, o limite oferece segurança emocional e contribui para que a criança compreenda que seus atos têm consequências. No entanto, a ausência de limites claros, tanto em casa quanto na escola, tem gerado comportamentos desafiadores, dificuldade de socialização e baixa tolerância à frustração.

A escola, por sua vez, vem sendo desafiada a lidar com essas consequências, muitas vezes sozinha. A parceria com a família, que deveria ser sólida e constante, tornou-se frágil ou distante. Muitas famílias delegam à escola a responsabilidade total pela educação de seus filhos, esquecendo que os valores e as bases para a convivência social se constroem, primeiramente, no ambiente familiar.

Reconstruir a relação entre família e escola exige diálogo, empatia e cooperação mútua. É necessário que os pais compreendam o seu papel ativo no processo educativo e que a escola acolha e escute as famílias sem julgamentos, estabelecendo uma relação de confiança. Juntos, família e escola podem alinhar estratégias para promover o desenvolvimento integral da criança, respeitando seus direitos, mas também seus deveres.

Além disso, é fundamental que essa parceria promova uma cultura de corresponsabilidade, em que ambas as partes compreendam que educar é um ato coletivo. Quando os limites são claros e a cooperação entre escola e família é efetiva, cria-se um ambiente propício à aprendizagem, ao bem-estar emocional e à formação de cidadãos conscientes, estabelecer limites e reconstruir a relação família-escola não são tarefas fáceis, mas são indispensáveis para enfrentar os desafios da educação contemporânea. A criança que cresce cercada por afeto, limites e exemplos consistentes tende a desenvolver-se com mais equilíbrio e preparo para a vida em sociedade.

A IMPORTÂNCIA DO LIMITE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O estabelecimento de limites é uma prática educativa fundamental. Segundo Içami Tiba (2002), o limite funciona como uma cerca protetora, necessária para que a criança desenvolva noções de segurança, respeito e

convivência. Crianças sem limites crescem sem entender que seus desejos não são absolutos, o que pode gerar comportamentos egocêntricos e até violentos.
O limite não deve ser visto como autoritarismo, mas como uma forma de amor responsável. Quando os adultos impõem regras claras e coerentes, ajudam a criança a desenvolver autocontrole, senso de responsabilidade e empatia.
O desenvolvimento infantil é um processo complexo e multifacetado que envolve aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos. Dentre os diversos fatores que influenciam esse processo, a imposição de limites ocupa um lugar de destaque. O limite é, essencialmente, um instrumento educativo que contribui para a construção da personalidade da criança, para a formação de sua autonomia e para o respeito às normas de convivência social.
Limites são regras, orientações e direcionamentos estabelecidos pelos adultos — pais, responsáveis e educadores — com o objetivo de orientar o comportamento das crianças. Eles funcionam como um "guia" para que a criança compreenda até onde pode ir, o que é permitido, o que é proibido e quais são as consequências de suas ações. Dessa forma, os limites não devem ser entendidos como punições arbitrárias, mas como formas de cuidado e proteção.
Segundo Içami Tiba (2002), impor limites é uma das expressões mais genuínas do amor. Para o autor, “quem ama, educa”, e educar envolve dizer “não” quando necessário, mostrando à criança que nem tudo é permitido, e que viver em sociedade requer respeito às regras e aos outros
Ao contrário do que muitos pensam, o limite não inibe a liberdade da criança, mas é justamente o que possibilita seu desenvolvimento com segurança. A criança que cresce sem limites claros tende a apresentar comportamentos impulsivos, dificuldade de lidar com frustrações e pouca tolerância a regras.
A presença de limites coerentes e constantes ajuda a desenvolver a autonomia, pois oferece à criança um ambiente estruturado, previsível e seguro. Isso favorece o crescimento emocional, a capacidade de fazer escolhas responsáveis e a construção de uma identidade estável. Vygotsky (1991) já apontava que o desenvolvimento da criança ocorre a partir da interação com o meio social, e os limites são parte essencial dessa mediação.
O estabelecimento de limites contribui diretamente para o desenvolvimento emocional da criança. Ao saber que existem regras e que os adultos estão atentos às suas ações, a criança sente-se acolhida e protegida. Isso proporciona segurança interna e estabilidade emocional.
A ausência de limites, por outro lado, pode gerar sentimentos de abandono, ansiedade e confusão. Quando os adultos não exercem sua autoridade de forma firme e afetuosa, a criança pode experimentar um “vazio de referência”, ficando à mercê de seus impulsos. A criança precisa de um adulto que ocupe o lugar de autoridade com firmeza, mas também com escuta e carinho. O limite é mais efetivo quando é explicado, dialogado e compreendido, não apenas imposto de forma punitiva.
Diversos comportamentos considerados “problemáticos” na infância, como agressividade, desobediência, desatenção e baixa empatia, estão relacionados à ausência ou inconsistência de limites. Crianças que não sabem lidar com o “não” tornam-se intolerantes, exigentes e frustradas quando não têm suas vontades atendidas.
Esses comportamentos, quando não trabalhados, podem se agravar ao longo do tempo, dificultando o convívio familiar, social e escolar. Educadores e psicólogos frequentemente relatam casos de crianças que apresentam dificuldades de adaptação à escola devido à ausência de limites em casa.
Segundo Regina Helena de Freitas Campos (2003), os limites são fundamentais para o processo de humanização da criança, pois a ensinam a controlar impulsos, respeitar o espaço do outro e compreender as consequências de seus atos.

A CRISE DA AUTORIDADE E A CULTURA DA PERMISSIVIDADE

Nas últimas décadas, observa-se uma mudança na forma como os pais exercem a autoridade. Muitos, temendo repetir padrões

rígidos do passado, optaram por uma educação permissiva, com ausência de regras e punições. Isso gerou uma geração de crianças que encontram dificuldades em aceitar frustrações e obedecer a normas.
Philippe Ariès (1981) afirma que a criança passou a ocupar um lugar central na estrutura familiar contemporânea, muitas vezes sendo tratada como autoridade. Essa inversão de papéis contribui para a desestruturação dos vínculos e do processo educativo.

A família é o primeiro espaço de socialização e é nela que se formam os valores, o senso de responsabilidade e o respeito às diferenças. Os pais têm a missão de oferecer afeto, cuidado, mas também regras e consequências.
A ausência dos pais — seja por motivos de trabalho ou desatenção — tem levado muitas crianças a buscarem na escola aquilo que deveria ser responsabilidade da família: atenção, cuidado e limites. A consequência é o aumento de conflitos escolares e dificuldades de aprendizagem.
A escola não deve substituir a família, mas atuar em parceria com ela. No entanto, muitos profissionais da educação sentem-se sozinhos na tarefa de educar. Isso ocorre porque a escola, cada vez mais, é cobrada a resolver problemas que extrapolam sua função pedagógica.
Como destaca Libâneo (2004), a escola tem o papel de mediar o conhecimento e formar cidadãos críticos, mas esse trabalho se torna difícil sem o apoio da família. O envolvimento dos pais no ambiente escolar deve ir além da cobrança por notas, incluindo o acompanhamento do comportamento e do desenvolvimento socioemocional.

A RUPTURA NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

A relação entre família e escola vem se enfraquecendo. Muitos pais apenas comparecem à escola em momentos de conflito, o que estabelece uma relação de confronto, e não de cooperação. Essa ruptura prejudica a criança, que percebe a ausência de unidade entre os adultos que deveriam guiá-la.
Segundo Paro (2000), a participação da família na escola deve ser efetiva, com base no diálogo e na construção conjunta de estratégias educativas. A reconstrução dessa parceria exige respeito mútuo, escuta ativa e comprometimento com o bem-estar das crianças.
Impor limites não significa agir com autoritarismo. Pelo contrário, é uma forma de mostrar cuidado, preocupação e presença. O adulto que estabelece regras demonstra à criança que ela é importante e que seu bem-estar é prioridade.
Dizer “não”, quando necessário, é um ato de responsabilidade. Isso não impede o afeto, mas o fortalece, pois a criança entende que o amor também está na proteção e na orientação. Como afirma Franco (2001), educar é um ato que exige firmeza, mas também empatia e escuta.
A família precisa estar atenta a tudo principalmente no limite pois o não é necessário.Para reconstruir a relação entre família e escola, é necessário: Promover espaços de escuta mútua: Reuniões que valorizem a fala dos pais e os ajudem a compreender o trabalho pedagógico da escola. Estabelecer comunicação transparente e frequente: Por meio de bilhetes, agendas, aplicativos ou encontros presenciais. Realizar projetos integrados: Atividades que envolvam pais, alunos e professores, como oficinas, palestras e campanhas educativas. Oferecer apoio às famílias em situação de vulnerabilidade: A escola pode articular com a rede de assistência social para garantir suporte às famílias.
A família é o primeiro espaço educativo da criança. É onde ela aprende a conviver, respeitar, comunicar-se e desenvolver seus primeiros valores morais. A escola, por sua vez, é uma extensão desse processo, com foco no desenvolvimento cognitivo, social e ético. Quando essas duas instituições não caminham juntas, a criança acaba sendo a principal prejudicada, pois recebe mensagens contraditórias e carece do suporte necessário para seu desenvolvimento integral.

A CRIANÇA COMO CENTRO DA PARCERIA EDUCATIVA

Quando família e escola caminham juntas, a principal beneficiada é a criança. O sentimento de pertencimento, a segurança emo-

cional e a clareza de expectativas favorecem o desenvolvimento integral. Crianças que percebem coerência entre o que aprendem em casa e na escola tendem a se sentir mais motivadas e respeitadas.

É preciso que os adultos estejam alinhados no discurso e nas práticas. A educação não é responsabilidade exclusiva da escola nem da família, mas de ambos, em parceria contínua.

A educação contemporânea exige uma profunda revisão das práticas escolares, especialmente no que diz respeito ao papel central da criança no processo educativo. Não se trata apenas de ensinar conteúdos, mas de reconhecer o sujeito em formação como protagonista, integrando família e escola em uma parceria efetiva. Nessa perspectiva, a criança deixa de ser vista como um objeto da ação pedagógica e passa a ser considerada o centro da parceria educativa, cuja função principal é garantir o seu pleno desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo.

A parceria entre escola e família só ganha real sentido quando ambas reconhecem o lugar legítimo da criança como sujeito de direitos, com voz, desejos, necessidades e potencialidades. Conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei n.º 8.069/1990), é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à educação, ao lazer, à dignidade e à convivência familiar e comunitária.

Nesse contexto, a escola deve ir além de sua função tradicional de transmissora de conhecimento, atuando como espaço de escuta, acolhimento e construção de experiências significativas. Ao mesmo tempo, a família precisa participar de forma ativa, não apenas nas reuniões escolares, mas no cotidiano da aprendizagem, respeitando os processos de desenvolvimento da criança e fortalecendo os vínculos com a escola.

A centralidade da criança implica, portanto, em práticas pedagógicas que considerem sua individualidade, seus ritmos e interesses. A escuta sensível dos educadores e dos familiares contribui para identificar dificuldades, potencialidades e contextos que influenciam diretamente o processo de aprendizagem. A parceria educativa se concretiza na medida em que todos os envolvidos assumem corresponsabilidade pela formação integral da criança.

Além disso, é preciso romper com modelos autoritários e assimétricos, em que adultos decidem unilateralmente o que é melhor para a criança. Um processo educativo verdadeiramente democrático valoriza a participação da criança, suas percepções sobre o ambiente escolar, suas experiências de vida e suas formas de expressão, como brincadeiras, desenhos, falas e gestos.

O diálogo entre escola e família deve ser constante, transparente e orientado por uma visão de futuro que coloca o bem-estar da criança como prioridade. Mais do que discutir desempenho escolar, é necessário compreender os aspectos emocionais, sociais e afetivos que envolvem a trajetória de cada aluno. Quando essa conexão se estabelece, cria-se uma rede de apoio capaz de promover segurança, pertencimento e motivação para aprender.

Portanto, colocar a criança no centro da parceria educativa é reconhecer sua humanidade, sua capacidade de aprender e ensinar, sua força transformadora e seu direito de ser cuidada com afeto e responsabilidade. É construir uma educação que se alicerça na escuta, no respeito mútuo e na cooperação entre todos os agentes envolvidos no processo formativo.

O COMPROMETIMENTO DA ESCOLA E DA FAMÍLIA

O comprometimento da escola e da família é um dos pilares fundamentais para a construção de uma educação de qualidade, que respeite e atenda às necessidades integrais da criança. Quando ambas as instituições compartilham responsabilidades, objetivos e valores cria-se uma base sólida para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo do educando. Essa colaboração mútua exige diálogo constante, respeito às especificidades de cada contexto e, acima de tudo, o reconhecimento da criança como o centro da ação educativa.

O desafio da escola vai além da organização de conteúdos curriculares e da gestão

pedagógica. Implica em criar um ambiente acolhedor, democrático e estimulante, no qual as crianças se sintam valorizadas, respeitadas e desafiadas a aprender. A escola comprometida estabelece canais abertos de comunicação com as famílias, promove encontros formativos, escuta ativamente suas preocupações e compartilha estratégias que possam favorecer o processo de aprendizagem dentro e fora da sala de aula.Por sua vez, o comprometimento da família envolve participação ativa e presença significativa na vida escolar da criança. Isso não significa apenas acompanhar as tarefas e comparecer às reuniões, mas envolver-se de maneira consciente no cotidiano da educação. Famílias comprometidas conhecem os profissionais da escola, dialogam com seus filhos sobre o que vivenciam na instituição, respeitam os limites estabelecidos em conjunto e colaboram na formação de valores como respeito, responsabilidade e solidariedade.

É importante compreender que escola e família não competem entre si, mas se complementam. Cada uma tem seu papel específico, mas ambas devem estar alinhadas por um objetivo comum: garantir uma formação humana e integral. Essa parceria exige empatia, confiança e corresponsabilidade. Quando há rompimento ou negligência de uma das partes, a criança sente-se desamparada, o que pode comprometer sua autoestima, seu desempenho escolar e suas relações interpessoais.

A construção desse compromisso mútuo também passa por políticas públicas que valorizem a educação e reconheçam a importância da participação familiar. Projetos pedagógicos inclusivos, reuniões dialógicas, ações comunitárias e espaços de escuta são exemplos de práticas que fortalecem os vínculos e promovem a corresponsabilidade.

Por fim, reforça-se que o verdadeiro comprometimento com a educação infantil não pode estar centrado apenas em resultados acadêmicos, mas sim no cuidado, no afeto e na formação ética da criança. Escola e família, unidas, são agentes de transformação social. Quando atuam de forma integrada e comprometida, contribuem para o surgimento de uma sociedade mais justa, crítica e sensível às necessidades da infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar é um ato de amor, paciência e compromisso. O limite é parte essencial desse processo e deve ser construído com firmeza e afeto. Além disso, somente com a reconstrução da parceria entre família e escola será possível enfrentar os desafios contemporâneos da educação.

Fortalecer essa aliança é garantir um futuro melhor para nossas crianças, promovendo não apenas o sucesso escolar, mas a formação de cidadãos conscientes, éticos e preparados para a vida em sociedade.

A reconstrução da parceria entre família e escola não é um processo imediato, mas é essencial para garantir uma educação integral, afetiva e significativa. Quando há respeito mútuo, escuta ativa e corresponsabilidade, a criança sente-se acolhida por um ambiente seguro, no qual os adultos que a cercam cooperam em sua formação. O limite e o cuidado se tornam parte de uma rede que protege, ensina e prepara para a vida em sociedade.

Nenhuma instituição pode sozinha, garantir o pleno desenvolvimento da criança. Quando há cooperação entre escola e família, os limites são mais respeitados, os valores se tornam coerentes e o processo de aprendizagem se fortalece. Somente com essa união será possível formar sujeitos mais conscientes, empáticos e preparados para os desafios da vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda R. de. Família e Escola: uma relação de parceria. Campinas: Autores Associados, 2008

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da Escola: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2004.

PARO, Vitor Henrique. Educação e Democracia: políticas e administração da educação. São Paulo: Cortez, 2000.

TIBA, Içami. Quem ama, Educa!. São Paulo: Gente, 2002.

VALLE, Leny Magalhães M. do. Família e Escola: os conflitos na comunicação. São Paulo: Papirus, 2003.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 2000.